

Resenha

Perissé, Gabrie. *Abuso espiritual: a manipulação invisível*. Paulus Editora, 2024.

Josimar de Souza Rodrigues Junior¹

Publicado em 2024, o livro *Abuso espiritual: a manipulação invisível*, de Gabriel Perissé, emerge como um texto urgente e necessário para os dias atuais. Com estilo direto, mas denso em reflexões, o autor propõe uma abordagem crítica e acessível sobre uma temática frequentemente silenciada dentro das tradições religiosas: a instrumentalização do sagrado como forma de dominação.

O abuso espiritual é um fenômeno insidioso, muitas vezes invisível aos olhos de quem sofre ou presencia seus efeitos, mas que, conforme faz notar o autor, “produz sequelas tão ou mais dolorosas do que as feridas causadas pelo abuso físico, pelo abuso sexual, pelo abuso de consciência, pelo abuso psicológico e pelo abuso financeiro” (Perissé, 2024, p. 11). Não se trata apenas de uma disfunção institucional, mas de uma ferida que atravessa a alma, corroendo a liberdade interior do sujeito e submetendo-o a formas perversas de controle — muitas vezes legitimadas pela autoridade religiosa. O livro não se restringe a denunciar práticas abusivas, mas propõe compreensões e caminhos possíveis de discernimento, superação e amadurecimento espiritual.

Gabriel Perissé é mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de São Paulo (USP), mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), doutor em Filosofia da Educação (USP) e doutor em Teologia (PUC-RS). Tem pós-doutorado em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É autor de mais de 25 livros, tradutor e conferencista. A escolha do tema e o modo como o trata revelam não

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (PROF-FILO/UFES). Possui Licenciatura em História (UNICSUL), Filosofia (FAERPI) e Pedagogia (UNIÍTALO). Possui especialização Lato Sensu em Filosofia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), Gestão Educacional pela Faculdade da Região Serrana (FARESE), Ciências Humanas e Sociais Aplicadas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Currículo e prática docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental pela mesma universidade. E-mail: josimarsjr@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0008208510571535>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7016-3305>.

apenas rigor acadêmico, mas também uma preocupação concreta com os dramas humanos escondidos sob roupagens religiosas.

Pode-se afirmar que o livro *Abuso espiritual* destina-se, sobretudo, àqueles que atuam ou participam de contextos religiosos, sejam lideranças ou membros de comunidades de fé. Mas sua leitura se estende também a educadores, psicólogos, filósofos, estudiosos da religião e todos que se interessam pelos limites éticos entre autoridade, fé e liberdade. É uma obra que interpela, inquieta e convoca à lucidez.

A obra organiza-se em torno de uma proposta clara: nomear, descrever e denunciar uma forma de violência que, por estar disfarçada sob a aparência do sagrado, muitas vezes escapa à percepção das vítimas e dos observadores.

Composto por prefácio, introdução, doze capítulos temáticos e uma conclusão, o texto se apresenta como um ensaio denso, embora de leitura fluida, que combina narrativa, crítica e proposição.

No prefácio, escrito por padre Ronaldo Zacharias, sacerdote salesiano, é estabelecido o pano de fundo teológico: a cultura clericalista e hierarquista que, ao longo do tempo, permitiu não apenas a proliferação de abusos de diversas ordens, mas também a criação de mecanismos de silenciamento. O abuso espiritual, nesse contexto, surge como o mais sutil e perverso — não porque seja menos danoso, mas porque se esconde sob o véu da piedade e da autoridade religiosa. A manipulação se legitima pela retórica da santidade e se impõe pela reverência às figuras investidas de poder. Para o sacerdote, a obra de Perissé contribui para dar visibilidade à prática do abuso espiritual, que fere “mortalmente a verdade em nome de um ‘deus’ criado à própria imagem e semelhança” (Perissé, 2024, p. 8).

A introdução indica que o abuso espiritual consiste no uso ilegítimo da autoridade religiosa para dominar, manipular ou anular outra pessoa. Tal abuso não se limita a determinada tradição, nem é restrito a uma época. Está presente em múltiplos contextos religiosos — do cristianismo às espiritualidades alternativas — e manifesta-se tanto em comunidades pequenas quanto em instituições consolidadas. O autor evidencia que esse tipo de abuso começou a ser estudado com maior atenção nas últimas décadas, sobretudo em países anglófonos, e ainda carece de visibilidade e enfrentamento no Brasil.

Os primeiros capítulos introduzem os mecanismos do abuso, descrevendo como ele se apresenta de forma sorrateira, geralmente associado a figuras

carismáticas, respeitadas, que se colocam como mediadoras exclusivas entre o fiel e Deus. Perissé desmascara essa operação simbólica por meio de exemplos vívidos e de casos verídicos, nos quais lideranças religiosas usam sua autoridade para exigir obediência irrestrita, promover a autonegação da vítima, impor regras morais rígidas e manipular emocionalmente os membros da comunidade. O abuso não ocorre de forma direta ou explosiva, mas se instala lentamente, como um enredamento afetivo que enfraquece a autonomia do sujeito.

Capítulos como “A vítima perfeita”, “Os truques da manipulação” e “A ideologia do medo” mostram como o abusador detecta vulnerabilidades — especialmente em pessoas idealistas, jovens ou emocionalmente fragilizadas — e se aproveita delas para consolidar seu poder. O discurso espiritual é usado para justificar práticas que vão do controle cotidiano à autoviolência, da submissão afetiva ao abandono da própria identidade. A vítima é convencida de que pensar em si mesma é egoísmo, enquanto o abusador, muitas vezes narcísico e autorreferente, se apresenta como canal privilegiado da vontade divina. É ele mesmo a “voz de Deus” que não pode ser contrariada.

Nos capítulos seguintes, o autor examina o contexto institucional e sociocultural que sustenta o abuso, evidenciando como certos ambientes religiosos favorecem o autoritarismo e a adesão cega. A crítica não se limita às atitudes individuais, mas alcança a estrutura dos discursos, a teologia distorcida, o uso seletivo das Escrituras e a lógica do controle como modo de conduzir a vida comunitária. A obra, nesse ponto, realiza uma crítica contundente às formas sectárias e fanáticas de espiritualidade, que alimentam o medo e a obediência como formas de “santidade”.

Nos últimos capítulos, o autor propõe alternativas que abrem espaço para a construção de uma espiritualidade lúcida, baseada na liberdade, no amor e no diálogo, convidando o leitor a desenvolver uma consciência crítica e uma fé madura, que seja capaz de distinguir entre autoridade espiritual legítima e autoritarismo manipulador. A ênfase recai sobre o discernimento — compreendido como um processo contínuo de escuta, reflexão e responsabilização pessoal — como antídoto à dependência espiritual e à infantilização da fé.

Ao longo de toda a obra, o autor mescla análise conceitual, narrativas ilustrativas, referências teóricas e interpelações existenciais. É evidente o esforço em comunicar-se com leitores de diferentes formações, sem perder o rigor. O texto é

atravessado por um tom pastoral e, ao mesmo tempo, filosófico: mais do que instruir, deseja provocar, iluminar zonas de sombra e devolver à consciência sua dignidade diante do sagrado.

Um dos grandes méritos da obra é sua capacidade de nomear o indizível. O autor oferece ao leitor uma linguagem precisa, acessível e conceitualmente densa para falar daquilo que, muitas vezes, permanece silenciado ou não reconhecido. Em contextos em que a autoridade espiritual é revestida de reverência absoluta, o abuso torna-se quase invisível — não porque não esteja presente, mas porque carece de nome. Perissé, com coragem e lucidez, nos devolve esse nome, e com ele a possibilidade de compreender, discernir e resistir.

Ao longo da obra, a crítica não é direcionada contra a fé ou a religião, mas contra as formas distorcidas de espiritualidade que transformam a liberdade interior em servidão, que sufocam a consciência sob o pretexto de obediência, que usam Deus como escudo para práticas manipuladoras.

A denúncia é feita sem histeria, com equilíbrio e responsabilidade, o que torna o livro ainda mais potente. A escrita não é panfletária, mas profética: convoca o leitor a enxergar além da aparência e a pensar sua própria experiência de fé com maturidade.

A obra se ancora em exemplos concretos, muitos deles chocantes, mas sempre apresentados com sobriedade. Entre os casos narrados, destaca-se o de Edir Macedo, apontado como figura emblemática de um tipo de liderança religiosa que se vale da fé alheia para consolidar estruturas de poder pessoal e controle coletivo. O autor também menciona situações vividas em comunidades menores, como pastores que humilham adolescentes por não arrecadarem dinheiro suficiente para a igreja ou líderes que associam sofrimento psicológico a uma suposta “possessão demoníaca”, reforçando um tipo de teologia do medo e da culpabilização. Esses exemplos não apenas ilustram o fenômeno do abuso espiritual, mas lhe conferem densidade existencial e legitimidade empírica.

Com uma integração interdisciplinar, Perissé mobiliza elementos da teologia, da psicologia, da filosofia da religião, mas sempre de forma orgânica. O leitor não se depara com uma exposição técnica, mas com uma reflexão que flui como conversa — firme, profunda e pedagógica. Há, na escrita, um tom de quem já acompanhou pessoas feridas e deseja não apenas expor um problema, mas oferecer caminhos de

reconstrução, apontando que não se trata de simples pesquisa bibliográfica, mas de uma reflexão que se baseia na vida concreta.

O livro é, em última instância, um convite ao discernimento. Mais do que alertar para os perigos do autoritarismo religioso, ele oferece elementos de reflexão para que se cultive uma fé lúcida, que não se deixa seduzir por carismas desordenados nem por estruturas hierárquicas autorreferentes. Perissé afirma, com elegância e firmeza, que a espiritualidade cristã, em sua forma mais autêntica, não é servidão, mas liberdade; não é obediência cega, mas fidelidade consciente; não é temor paralisante, mas confiança amorosa.

Ao nomear o indizível, Perissé não apenas nos oferece um diagnóstico: ele nos dá ferramentas para reconstruir a experiência de fé num horizonte de liberdade e responsabilidade. Sua obra se inscreve entre aquelas que não apenas lemos, mas atravessamos — e da qual saímos diferentes.

A publicação de *Abuso Espiritual* insere-se em um contexto social e religioso marcado por um processo de crescente conscientização sobre as múltiplas formas de violência simbólica e institucional, seguindo o movimento que, nas últimas décadas, deslocou significativamente os modos de percepção da autoridade: figuras outrora tidas como intocáveis — líderes religiosos, mestres espirituais, formadores eclesiais — passaram a ser interpeladas pela exigência ética de responsabilidade e transparência.

No campo religioso, especialmente nas tradições cristãs, a crise de autoridade não é apenas doutrinal ou litúrgica: ela é também antropológica e relacional. Casos de abuso sexual, financeiro e psicológico no interior de igrejas e comunidades revelaram não apenas crimes individuais, mas a existência de estruturas e mentalidades que favorecem o silenciamento, a submissão e a culpabilização da vítima. É nesse terreno sensível, complexo e ainda pouco explorado que Perissé planta as bases de sua obra.

O autor dialoga com investigações já realizadas em outros contextos, como nos Estados Unidos e na Europa, e que, nessas regiões, conta com estudiosos desde a década de 1990. No Brasil, entretanto, esse debate ainda engatinha. É por esse motivo que a obra de Perissé é uma contribuição pioneira e profundamente situada, pois articula referências internacionais com casos e realidades vividas no cenário brasileiro — evangélico e católico — com notável sensibilidade local.

No interior da própria teologia cristã, sua obra se alinha àquelas vozes que buscam recuperar a centralidade do discernimento, da consciência e da kenosis — a realidade do rebaixamento, do esvaziamento de si pelos demais realizada por Cristo — como fundamentos de uma espiritualidade autêntica.

Em tempos marcados por fanatismos e radicalismos religiosos, a proposta de Perissé ressoa como uma pedagogia espiritual da liberdade, comprometida não com a destruição da fé, mas com sua purificação e amadurecimento.

Ao se debruçar sobre o abuso espiritual com tal precisão e profundidade, o autor não apenas preenche uma lacuna, mas contribui para a construção de um novo vocabulário ético-religioso, capaz de desnaturalizar formas de violência travestidas de virtude e promover uma cultura da escuta, do cuidado e do respeito mútuo nas relações de fé.

Abuso Espiritual é uma obra necessária. Necessária porque rompe o silêncio. Necessária porque oferece linguagem para o não-dito. Necessária porque revela, com elegância e firmeza, que a fé, quando distorcida, pode se tornar instrumento de opressão — e que resistir a essa distorção é também um gesto profundamente espiritual.

Gabriel Perissé entrega ao leitor um livro que não apenas denuncia práticas de manipulação no campo religioso, mas aponta caminhos para o amadurecimento da consciência e da liberdade interior. Ao “nomear o indizível”, o autor devolve dignidade àqueles que viveram experiências de aprisionamento, contrariando o ideal da fé autêntica, que é ser espaço de liberdade e encontro relacional com Deus

Nesta obra, Perissé assume o profetismo que denuncia e anuncia: denuncia as formas de abuso espiritual que atravessam igrejas, comunidades e relações pessoais, ao mesmo tempo em que anuncia uma espiritualidade enraizada na liberdade, na escuta e no discernimento.

Abuso Espiritual é um livro que pode e deve ser lido em comunidades, formações, escolas teológicas — e no recolhimento silencioso de quem precisa compreender o que viveu, dar nome ao que sofreu e reencontrar o caminho da fé como espaço de confiança e verdade.

Recebido: 31/03/2025
Aprovado: 06/06/2025